

## Relações socioambientais e o significado do lazer na prática caving

### Socio-environmental relations and the meaning of leisure in caving practice

MENDES MT, BELTRAME ALN, BRINGEL DA, ALVES MAF, SAMPAIO TMV, MELO GF. Relações socioambientais e o significado do lazer na prática caving. **R. bras. Ci. e Mov** 2018;26(3):123-133.

**RESUMO:** O objetivo deste estudo foi identificar o significado atribuído ao lazer por dois grupos de espeleologia nas relações socioambientais durante a prática do caving. Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa desenvolvida com 30 indivíduos pertencentes ao Espeleogrupo Peter Lund e à Associação de Agentes Ambientais do Vale do Peruaçu. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, processados no IRAMUTEQ e a análise de similitude feita. Os resultados obtidos indicaram uma associação entre lazer-caverna e lazer-atividade. O lazer pode ser entendido como uma atividade prática em ambiente de caverna realizada no tempo livre. Ele promove o prazer individual e coletivo, um contato com a natureza que proporciona sensações e bem-estar, aventura e descoberta, por meio do caving, na contemplação do ambiente cavernícola. O lazer pode ser entendido como uma atividade prática em ambiente de caverna realizada no tempo livre pelos seus praticantes. Ele promove o prazer individual e coletivo, um contato com a natureza que proporciona sensações e bem-estar, aventura e descoberta, por meio do caving, na contemplação do ambiente cavernícola.

**Palavras-chave:** Lazer; Caving; Relação Socioambiental.

**ABSTRACT:** The objective of this study was to identify the meaning attributed to leisure by two groups of caving in the socioenvironmental relations during the practice of caving. This is a qualitative approach research developed with 30 individuals belonging to the Peter Lund Speleogrupo and to the Association of Environmental Agents of the Vale do Peruaçu. The data were collected through semi-structured interviews, processed in IRAMUTEQ and the similitude analysis made. The results indicated an association between leisure-cave and leisure-activity. Leisure can be understood as a practical activity in cave environment held in free time. It promotes individual and collective pleasure, a contact with nature that provides sensations and well-being, adventure and discovery, through caving, in contemplation of the cave environment. Leisure can be understood as a practical activity in a cave environment held in free time by its practitioners. It promotes individual and collective pleasure, a contact with nature that provides sensations and well-being, adventure and discovery, through caving, in contemplation of the cave environment.

**Key Words:** Leisure; Caving; Socio-environmental relationship.

Marilda Teixeira Mendes<sup>1</sup>  
André Luis N. Beltrame<sup>1</sup>  
Denise Araújo Bringel<sup>1,2</sup>  
Michela Abreu F. Alves<sup>3</sup>  
Tânia Mara V. Sampaio<sup>4</sup>  
Gislane Ferreira de Melo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Católica de Brasília

<sup>2</sup>Universidade Federal do Tocantins

<sup>3</sup>Faculdades Unidas do Norte de Minas

<sup>4</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

## Introdução

Estudar as relações sociais, a partir da perspectiva do lazer pode se mostrar uma oportunidade para reflexões. Em ambientes naturais este ato permite a visualização do lazer sob outros pontos de vista. Este estudo fomenta debates que abrangem relações socioambientais em conexão com outros fenômenos da vida humana e suas dinâmicas, sem perder de vista o contexto sociocultural de forma mais abrangente.

Neste cenário, devido à experiência e práticas cotidianas, os grupos de espeleologia acabam se tornando relevantes. O conjunto de interações com o ambiente de caverna, por meio da prática do *caving*, encampa potencialmente possibilidades de se pensar as relações socioambientais no contexto do lazer.

O *caving*, utilizado aqui enquanto atividade física de aventura na natureza (AFAN), é eleito como atividade de lazer, para se referir às atividades práticas realizadas em ambientes de caverna. De acordo com Munster<sup>1</sup>, o *caving* é uma prática esportiva oriunda da espeleologia “consiste na visitação de cavidades naturais para desfrute pessoal ou coletivo, onde prevalece o espírito de interação entre o grupo e o meio natural” (p.145).

A prática do *caving* abre possibilidades para novos caminhos e contribui para uma visão mais abrangente de atividade física de aventura na natureza. Bruhns<sup>2</sup>, ao mostrar a relevância do conceito natureza inserido no contexto sociocultural, distingue-o como um dos elementos que atuam na prática das atividades de aventura. Ademais, a relação do ser humano com a natureza delinea uma concepção cultural. No âmbito do lazer, as formas de práticas são concebidas de acordo com um contexto socioeconômico que influencia diretamente a preferência do que fazer no tempo livre<sup>3</sup>.

Ao ressaltar a relação das atividades de aventura com o meio, Bruhns<sup>4</sup> mostra que na relação ser humano/natureza, vivenciada por meio dos esportes de aventura, “[...] busca-se literalmente um mergulho na natureza”. O que pode causar uma “emoção à flor-da-pele” ao experimentar a aventura imaginada ou captá-la por meio de todos os poros e absorver o impacto visual com o corpo inteiro. A autora destaca que o exercício dos sentidos, como “[...] ver, ouvir, tocar, cheirar ou degustar sons, cores, superfícies, cheiros ou sabores [...]”, faz parte de um conjunto intenso, em que a totalidade agora é representada pelo corpo como um todo. O corpo “toca a natureza” e por ela é tocado (p.45). A pele não mais separa, não há limite. É uma fronteira, uma superfície porosa de troca entre o que capta e o que extravasa.

As experiências de lazer em ambiente de caverna traduzem, em sua vivência, uma complexidade de situações, as quais são apoiadas nas relações do ser humano com o ambiente cavernícola. Nesse sentido a natureza interage, como em uma simbiose, às atividades físicas de aventura na natureza aqui referidas. A definição social como ambiente de experiência vivida e orientada implica em uma conservação ambiental para a prática esportiva. Neste momento estabelece-se um conflito no ser humano que gira em torno das possibilidades de exploração da natureza *versus* a responsabilidade de conservação<sup>5</sup>. O desporto necessita do meio ambiente natural, mas também o consome<sup>6</sup>. Neste caso, a questão da ética ambiental, “[...] de respeito e não de dominação” também ganha importância. Os simpatizantes do esporte de aventura são vistos e caracterizados não somente como praticantes de um esporte, mas como adeptos do ecoturismo<sup>7</sup>.

A procura por este tipo de atividades de aventura tem apresentado diversos fatores. Dentre eles, a busca de reconciliação do ser humano com a natureza, o que tem levado as pessoas a procurar atividades esportivas na natureza<sup>5,8,9</sup>. Haja vista que tais práticas corporais podem agir como via de ressignificação da relação ser humano/natureza, reaproximando-os e promovendo uma sensibilização dos adeptos da prática. Há ainda possibilidades de que, com isso, ocorram contribuições para a minimização dos impactos ecológicos<sup>10</sup>.

Acerca desta questão, Sampaio<sup>9</sup> comenta que:

[...] somos não apenas parte do todo, mas somos um todo e este em nós. Da terra que somos moldados, ao molde que dela fazemos, estamos impregnados de interdependência. Não se trata de oposição, mas de relação. As distinções precisam ser organizadas à luz de uma percepção relacional e interdependente, o que exige uma pronta mudança de concepção antropológica. A percepção de centralidade do humano sobre o ecossistema precisa dar lugar a uma concepção de relações de mútuas interdependências, sem que isto desqualifique o ser humano, mas o resinifique na relação de perceber-se como parte necessária e com necessidades de toda a complexa e múltipla diversidade do que existe (p. 90).

Nesse sentido, encontramos-nos com um espaço que pode se transformar em ambiente propício para atividades na natureza. Sendo assim, torna-se necessário inserir no cenário a reflexão e os processos organizados de proteção, de preservação da natureza e sustentabilidade. Atitudes como estas é que, de fato, representarão qualidade de vida, não apenas aos praticantes, mas ao ecossistema como um todo.

Pensar o lazer como espaço da liberdade implica possibilitar o espaço de descoberta e ações sociais críticas e criativas. Espera-se, com o trato dos conteúdos do lazer (neste caso o *caving*), que os envolvidos se situem como sujeitos sociais, que reconheçam a ação e transcendam rumo à construção de uma efetiva participação cultural e política diante de atividades realizadas em ambientes de caverna.

No lazer, busco uma articulação com o conhecimento da atividade física de aventura na natureza, por meio do *caving* e meio ambiente. Abre-se um campo para o desenvolvimento das potencialidades humanas que requer a conexão entre o conhecimento e a compreensão dos conteúdos do lazer. A análise do contexto social em que as atividades são inseridas é importante para melhor compreendermos o sentido de sua prática. Portanto, é necessário considerar as construções conceituais de lazer apropriadas pelos sujeitos que atuam em ambientes de caverna para compreender suas práticas.

As experiências do lazer como acesso aos diversos bens culturais quase sempre se restringem a um único conteúdo do lazer. Vários são os interesses envolvidos nas aspirações para a prática do lazer e estes formam um todo interligado. Não há dúvida de que as atividades devem procurar atender as pessoas em seu todo. Mas, será interessante que as pessoas conheçam as atividades que satisfaçam os vários interesses<sup>11</sup>.

O lazer, diante das inúmeras possibilidades de experiências que oferece pode ser vivenciado através de interesses culturais. De acordo com Dumazedier<sup>12</sup>, os interesses culturais do lazer podem ser destacados da seguinte forma: físicos, manuais, artísticos, intelectuais e sociais. Inclui-se aí, em seguida, o conteúdo turístico<sup>13</sup> e, mais recentemente, ocorreu o surgimento de outro conteúdo, o virtual<sup>14</sup>.

Esse conjunto de situações vivenciadas por meio dos interesses no lazer possui um duplo aspecto educativo, ou seja, é uma oportunidade de experimentar o lazer e espaço de desenvolvimento pessoal e social. Este conjunto tem como objetivo promover a mudança nas relações socioambientais. A educação pelo e para o lazer age sobre a dimensão cultural da vida humana<sup>11</sup>.

O lazer, enquanto esfera da vida humana é um direito inalienável que promove a dignidade humana e o desenvolvimento pessoal e social. Para Marcellino<sup>15</sup>, o desenvolvimento humano é uma das importantes contribuições do lazer, que proporciona o descanso e o divertimento.

Trata-se do desenvolvimento pessoal e social que o lazer enseja. No teatro, no turismo, na festa, etc., estão presentes oportunidades privilegiadas, porque espontâneas, de tomada de contato, percepção e reflexão sobre as pessoas e as realidades nas quais estão inseridas [...]. A possibilidade de escolha das atividades e o caráter “desinteressado” de sua prática são características básicas do lazer<sup>15</sup> (p.14).

Na atualidade, precisamos promover atividades de lazer que proporcionem possibilidades executáveis reais que contribuam na formação do ser de forma integral, crítica e criativa. Um lazer que dará margem a manifestações de novas formas de relacionamentos com o meio ambiente. Para Gomes e Isayama<sup>16</sup>, as possibilidades no lazer enfatizam a necessidade e o interesse do ser humano urbano em buscar atividades que permitam o contato com a natureza. Estas se darão por meio de um simples passeio ou por práticas esportivas organizadas formalmente.

O lazer, para fins deste estudo, é entendido:

[...] como a cultura – compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor, o caráter desinteressado dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela atividade prática ou contemplativa<sup>16</sup> (p. 31).

Segundo Gomes, a cultura, com sua expressiva possibilidade histórico-social, constitui um campo de produção humana e o lazer representa uma de suas dimensões: a fruição de diversas manifestações culturais. A autora afirma que “[...] o lazer é uma dimensão da cultura construída socialmente em nosso contexto a partir de quatro elementos inter-relacionados: tempo, espaço/lugar, manifestações culturais e ações”<sup>17</sup> (p.124).

O lazer possibilita condições de livre escolha, o que permite às pessoas sentirem prazer e satisfação, elementos básicos para o bem-estar corporal. Este fator contribui para a melhoria da qualidade de vida e para o autoconhecimento. Experiências de lazer podem ser concebidas como um extremo potencial sociocultural, que por meio da autonomia e liberdade, são capazes de se integrar à vida cotidiana de seus participantes. Experiências como essas desencadeiam um processo contínuo de reflexão e aprendizado.

Nesse sentido, os estudos de Marcellino apresentam a importância de conceber o lazer constituído por dois

aspectos simultâneos: a atitude e o tempo. O primeiro aspecto diz respeito à atitude em considerar o lazer como parte da vida. A pessoa se disponibiliza para vivenciar esses momentos em que a realidade das muitas ocupações e obrigações é suspensa para desfrutar esta experiência ímpar. É uma relação sujeito e experiência vivida, atividade e satisfação. O segundo aspecto é o tempo, concebido como tempo livre das obrigações profissionais, afazeres domésticos, sociais e religiosos. Um tempo em que as pessoas estão abertas a uma experiência diferenciada<sup>15</sup>.

A educação para e pelo lazer é uma ferramenta fundamental que deve ter como princípio norteador o desenvolvimento do ser humano, a valorização das autonomias individuais e a participação em grupos. Dessa forma, espera-se que a educação voltada para o lazer permita o desenvolvimento humano, uma vez que o lazer promove ao seu praticante novas reflexões acerca das suas experiências e, portanto, novas soluções e/ou diferentes formas de enfrentamento de situações adversas<sup>18</sup>.

Marcellino mostra a importância de se compreender o duplo aspecto educativo do lazer. O autor afirma que a primeira dimensão compreende a educação para o lazer. Consiste em ensinar/aprender diferentes formas de vivenciar o lazer. Numa perspectiva crítica, isso implica no compromisso do educador em não cair na homogeneização dos conteúdos difundidos pelos variados meios de comunicação de massa. Já a segunda dimensão envolve a educação pelo lazer. As atividades são aproveitadas para difusão de conhecimentos, valores, normas e comportamentos.

Enfim, há um conjunto de situações em que a experiência do lazer pode dar a sua contribuição. Tal experiência é uma oportunidade fundamental para desfrutar o lazer e ser espaço de desenvolvimento pessoal e social, com vistas à transformação das relações sociais. O processo educativo pelo e para o lazer só se tornou possível quando começou a ser visto como uma dimensão indispensável da vida humana a ser vivida em toda a sua gratuidade. A visão difundida até então do lazer como mera oposição ao trabalho, como escapatória de problemas e dificuldades do cotidiano perdeu espaço<sup>15</sup>.

Quanto ao lazer, Mendes *et al.*<sup>19</sup> fazem considerações importantes acerca das atividades realizadas em ambiente de caverna. Os autores mostram o lazer como uma válvula de escape. O ato de buscar um descanso, uma aventura alternativa ao cotidiano estressante não pode ser confundido com uma atividade compensatória em relação ao trabalho ou a outras obrigações.

Nesse sentido, precisamos pensar enquanto ser no mundo, como um ser humano sistêmico. De acordo com Capra torna-se necessário que haja a quebra das barreiras dos padrões científicos cartesianos e reducionistas que prendem a mente em processos cognitivos limitados e lineares para se obter uma visão mais ampla do mundo em que vivemos<sup>20</sup>. Cabe a cada um de nós, portanto, decidir o que queremos para o planeta e para nós mesmos, nesta e para as gerações futuras.

Desde modo, a forma usada para tentar sensibilizar a humanidade para garantir um futuro próspero e sustentável para esta e as próximas gerações precisa ser modificada. Segundo Córdula é preciso resgatar cognitivamente, afetivamente e espiritualmente a humanidade do ser humano em todos os níveis da sociedade e na base da formação humana<sup>25</sup>. Nesse sentido, o lazer em seu duplo processo educativo contribui, por meio da prática do *caving*, como um meio de despertar a sensibilidade nas relações socioambientais na visitação de caverna.

A história do *caving* tem sua origem vinculada à história da espeleologia, que, por sua vez, começa com a história do próprio homem. O estudo publicado por Lino<sup>21</sup> demonstra que a espeleologia técnico-esportiva é a que mais se aproxima do *caving*, devido às suas características.

O principal significado adquirido da espeleologia para o *caving* pode ser transcrito nas palavras de Lino<sup>21</sup>.

Do ponto de vista esportivo uma diferença básica distingue a espeleologia de outros esportes congêneres: nela não se privilegia a competição entre os indivíduos ou grupos, ao contrário, exige a solidariedade e o trabalho de equipe. Não se trata, igualmente, de vencer a natureza, mas suplantar-se a si mesmo, suplantando limites físicos, técnicos e de conhecimento<sup>21</sup> (p.45).

Do ponto de vista esportivo, a espeleologia não visa à competição, ao desafio ou muito menos a vencer a natureza, mas sim ao trabalho em equipe, objetivando o estudo, a observação, a documentação e a contemplação das cavernas<sup>21</sup>.

Marinho, por sua vez, define o *caving* como uma atividade de exploração de cavernas, sem a intenção de estudos, visando somente ao descobrimento e à observação<sup>22</sup>.

Munster concebe o *caving* “como uma prática esportiva derivada da espeleologia que consiste na visitação de cavidades naturais para desfrute pessoal ou coletivo, onde prevalece o espírito de interação com o grupo e com o meio natural”<sup>21</sup> (p.145).

Segundo a literatura corrente, autoras como Marinho<sup>22</sup> e Munster<sup>1</sup> mostram que a prática de atividades em ambiente cavernícola também pode ser entendida como caving. Sob o ponto de vista espeleológico, a prática do caving é o principal instrumento para o trabalho de exploração de caverna. O problema conceitual acerca do caving quer seja em suas novas adjetivações ou em definições academicamente estabelecidas, mostra que essa discussão ainda é insuficiente.

A problematização se deu a partir das interações entre grupos de espeleologia de diferentes cidades da região do Norte de Minas Gerais tendo como personagens principais os espeleólogos.

Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo identificar o significado atribuído ao lazer por dois grupos de espeleologia nas relações socioambientais durante a prática do caving.

### **Materiais e métodos**

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa<sup>23</sup>. A amostra foi composta por 30 indivíduos, de ambos os sexos que atenderam aos critérios de inclusão adotados indivíduos maiores de 18 anos que praticam o *caving*, em áreas naturais de caverna a mais de um ano a partir de dois grupos: Espeleogrupo Peter Lund (EPL) e da Associação de Agentes Ambientais do Vale do Peruaçu (AAAVP), na cidade de Montes Claros (MG) e Itacarambi (MG) e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A análise da distribuição dos grupos estudados em relação à variável sexo mostrou que a grande maioria dos praticantes do *caving* se autodeclara do sexo masculino: o EPL com 13 pessoas e o AAAVP com 10; e o restante que se declararam do sexo feminino, 2 pessoas do EPL e 5 do AAAVP, respectivamente.

A escolha pelos grupos estudados se deu em função do envolvimento constante em atividades de cavernas, e vivência no *caving*, bem como no que tange ao nível de experiência na atividade. O EPL é uma Organização não Governamental (ONG), sem fins lucrativos com sede em Montes Claros - Minas Gerais. É uma entidade que exerce um importante papel na área técnica e operacional em cavernas. O grupo foi fundado em 23 de novembro de 1989. O EPL, assim chamado em homenagem a Peter Lund, um precursor da pesquisa em cavernas no Brasil.

Já a AAAVP, uma entidade civil sem fins lucrativos, fundada em 19 de novembro de 2005, é constituída por membros da comunidade de Fabião I, no município de Itacarambi, estado de Minas Gerais. A área de atuação da Associação dos Agentes Ambientais do Vale do Peruaçu sobrepõe aos limites da Área de Proteção Ambiental, APA, das Cavernas do Peruaçu. Os integrantes exercem um importante papel na condução de visitantes no Parque Nacional de Cavernas do Peruaçu em Parceria com o Instituto Chico Mendes.

Aos participantes, com idades entre 21 e 59 anos, foram explicados os objetivos da pesquisa, garantido o anonimato e o direito de não responder ou até de se retirarem do estudo. Os dados foram coletados individualmente por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas entre agosto de 2016 a maio de 2017, em local e horário de conveniência dos entrevistados, com duração média de 30 minutos.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e o conteúdo da análise textual foi processado pelo *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*).

O IRAMUTEQ é um programa informático que tem por finalidade descobrir a informação essencial contida em um texto, através de análise estatística textual. Este software tem como objetivo quantificar um texto para extrair as estruturas mais significativas. Observa-se, todavia que embora se fale em análise quantitativa de dados textuais não se deixa de considerar a qualidade do fenômeno estudado<sup>29</sup>.

O programa possui cinco formas de análise de dados textuais: estatísticas textuais clássicas; pesquisa de especificidades a partir de segmentação definida do texto; classificação hierárquica descendente (CHD); análise de similitude de palavras e nuvem de palavras.

Optou-se nesta pesquisa pela análise de similitude que organiza “a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara” (p.516). Esta forma de análise se ancora na teoria de grafos, o que permite a identificação das ocorrências entre palavras e indicações de conexidade entre as mesmas, além de auxiliar na identificação da estrutura da representação<sup>25</sup>.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica de Brasília (UCB) com o registro nº CAAE N. 50067415.2.0000.0029

## Resultados e discussão

A análise de similitude, que é uma coocorrência entre palavras, traz em seu resultado indicações da conexidade entre as palavras. Possibilita identificar as coocorrências entre as palavras permitindo a formação de uma espécie de “leque semântico” que auxilia na identificação da estrutura do campo representacional do significado atribuído ao lazer durante a prática do caving.

A figura 1 apresenta a interface dos resultados da análise da similitude, com a identificação das coocorrências entre os vocábulos e indicações da conexidade, destacando os termos: Lazer, Caverna, Atividade e Prático.

De acordo com gráfico, o núcleo Lazer aparece como elemento de maior centralidade. Este termo apresenta relações importantes com inúmeros elementos que o complementam e lhe dão sustentação. Elementos que estão interligados na formação de várias teias de desdobramentos. Os resultados evidenciam que o núcleo central Lazer está associado à Caverna, à Atividade e Prático. Por meio das conexidades, o Lazer aparece também associado a vários outros vocábulos, como: tempo livre, usufruir, momento, recarregar, relação, contato com a natureza, prazer, diversão, liberdade e turismo.



**Figura 1.** Conexidade das palavras com base na análise de similitude realizada pelo software IRAMUTEQ.

Ao analisar inicialmente os vocábulos associados ao Lazer, percebe-se que eles se apresentam como características inerentes ao fenômeno, conforme mostram os depoimentos dos sujeitos 05, 18, 21 e 30.

Mas acho que é a questão da **liberdade**, do **prazer**, da gratuidade, do saber lidar com a natureza. Um lazer **livre** de escolha (Sujeito 5) (grifo nosso).

[...] então a gente encara o turismo no momento em que ele dialoga com a espeleologia [...] com possibilidades do desenvolvimento não só econômico da região, mas o **desenvolvimento social**, **desenvolvimento cultural**, **desenvolvimento ambiental** principalmente. E o lazer acaba percorrendo, todo um conceito de **turismo**. É na espeleologia que o **lazer** e o **turismo** exigem um cuidado maior,



uma compreensão maior do que seria esse lazer dentro de uma caverna [...] (Sujeito 18) (grifo nosso).

O lazer para mim é tudo que faço no final de semana, **descanso, diversão**, de aliviar o estresse do dia a dia (Sujeito 21) (grifo nosso).

O caving pode ser entendido como lazer diretamente ligado ao **tempo livre**, pois é nele que **usufruímos** a visita em caverna. Nessa visita, o lazer pode ser visto também como uma ótima dose de **combate ao stress** [...] O lazer nessa prática é de contato **máximo com a natureza** (Sujeito 30) (grifo nosso).

Segundo os depoimentos dos sujeitos, termos como liberdade, prazer, livre, descanso, diversão, tempo livre, usufruir, turismo, desenvolvimento social, desenvolvimento cultural e ambiental fazem referências ao lazer enquanto desenvolvimento humano. O que configura uma das importantes contribuições do lazer, que proporciona o descanso e o divertimento.

Podemos aproximar estas palavras e as narrativas que as expressam à seguinte observação de Marcellino<sup>19</sup>:

Trata-se do desenvolvimento pessoal e social que o lazer enseja. No teatro, no turismo, na festa, etc., estão presentes oportunidades privilegiadas, porque espontâneas, de tomada de contato, percepção e reflexão sobre as pessoas e as realidades nas quais estão inseridas [...]. A possibilidade de escolha das atividades e o caráter “desinteressado” de sua prática são características básicas do lazer<sup>19</sup> (p. 14).

Em análise do núcleo Caverna, nota-se que os espeleólogos tentam explicar o significado do lazer caracterizando-o como uma forma de abstrair os significados advindos de uma realidade da vivência da prática. Diante dos significados atribuídos, o lazer pode ser constituído como um meio capaz de promover uma relação socioambiental de forma respeitosa. Relação esta que acarretará sentimentos e emoções e proporcionará o encontro do ser humano consigo mesmo, conectado com o universo ambiental, em uma relação de interdependência assimilada por meio das experiências na natureza.

O núcleo Caverna também se apresenta como uma importante conexão do lazer. Conforme mostra a Figura 1, o gráfico de coocorrência, a caverna é o lugar para concretização da prática do caving, apresentada por vocábulos circunjacentes como: espeleologia, ambiente, natureza, visita, experiência, sensações, educação, lugar e “vampiriza a relação”.

Alguns depoimentos mostram os vocábulos circunjacentes ao núcleo caverna, conforme os depoimentos dos sujeitos 05 e 15.

Vai à caverna quem quer. A procura é livre porque quem vai sabe que vai ter o contato com a **natureza primária**, com o **primitivo**, com a nossa origem, com a possibilidade de viver emoções diferentes. Para isso precisamos estar em **grupo**. Para acontecer tem que visitar (sujeito 5) (grifo nosso).

O sujeito 5 afirma que a visita à caverna é meio que um processo de iniciação do ser humano. Se a caverna não for visitada, nada acontecerá. Na caverna o contato com a natureza primária vai além de qualquer outra possibilidade. Este é um momento propício para se reconhecer o primitivo, conhecer o ser humano fazedor de cultura com um simples contato com a pintura rupestre e reconhecer o ser humano como ser histórico.

Segundo Lino<sup>21</sup>, a história humana não pode ser contada sem que haja uma referência às cavernas. A relação do homem com esses ambientes é quase tão antiga quanto sua própria história. Uma relação de importância fundamental na evolução de conceitos, sensações e sentimentos universais que definem o homem como ser cultural. O autor afirma que no ambiente de caverna o ser humano encontrou um dos primeiros abrigos e o mais antigo santuário. A caverna é o lugar onde o sagrado e o profano conviviam harmonicamente.

Uma importante conexão entre os vocábulos vinculados aos laços de amizade ocorre entre o binômio vampiriza-relação.

A caverna é um **lugar de sacralização** de ideias, um **lugar de socialidade**. É um lugar de confraternização. Caverna é o lugar do homem. Para a gente que tem mais experiência já passa a ser também muito positivo o retorno dessas pessoas. Você **vampiriza uma relação**, você absorve uma sensação que você produz aqui, coloca as pessoas no ambiente para sentirem e você sente prazer nisso [...], a pessoa tá ali e você tá **cuidando da pessoa** e vê o despertar nas pessoas de **sensações** boas que você sente e as pessoas estão sentindo pela primeira vez [...]. Na atividade em grupo cria-se uma **relação de dependência um com o outro e com o meio**, um trabalho coletivo, emoções coletivas (Sujeito 15) (grifo nosso).

O depoimento do sujeito 15 faz referência às experiências que o lazer em ambiente de caverna revela. Em

sua vivência, apresenta uma complexidade de situações, as quais são apoiadas nas relações do ser humano com o ambiente cavernícola. Na caverna desenvolvem-se também relações sociais, relações interpessoais, troca de experiências profissionais, experiências pessoais, experiências espirituais e experiências religiosas. Essas relações fortalecem os laços de amizade<sup>26</sup>.

O vocábulo educação aparece como uma importante conexão vinculada ao núcleo caverna. Os significados atribuídos à educação podem ser entendidos na perspectiva da educação para e pelo lazer, conforme ilustra o depoimento do sujeito 18.

[...] A relação do lazer com a **educação** é fundamental para entender esse lazer cavernícola. [...] Criar uma interface entre os dois conceitos é mais do que natural, o turismo e lazer, e trazer isso para dentro de uma caverna e levantar algumas compreensões que muitas vezes o leigo não está apto a compreender bem. [...] A caverna passa a ser um lugar de **lazer**, desde que siga esse processo. Alguns critérios pautados **no plano de manejo bem elaborado**, um plano de condução, as visitação de acompanhamento, **de educação para espeleologia**, de minimização de impactos, isso é importante dentro da caverna [...] A partir disso fazer com que as pessoas reconheçam as múltiplas possibilidades que a caverna possa oferecer, naturalmente, reconhecer o valor da caverna e a importância de **preservar** e de estabelecer um **contato respeitoso de valorização e preservação do ambiente**, a caverna é vida (Sujeito 18) (grifo nosso).

Dada a importância do duplo aspecto educativo do lazer, Marcellino salienta que a educação para o lazer prepara a pessoa para praticar tais atividades em seu tempo livre. A educação pelo lazer faz uso desta prática para agregar saberes e práticas que cedem novos significados ou finalidades àquele lazer. O autor afirma que a primeira dimensão compreende a educação para o lazer, ou seja, ensinar/aprender diferentes formas de vivenciar o lazer. Numa perspectiva crítica, isso implica no compromisso do educador em não cair na homogeneização dos conteúdos difundidos pelos variados meios de comunicação de massa<sup>27</sup>.

As atividades na natureza e o lazer precisam se estabelecer em momentos de plena experiência humana de afirmação da vida. Momentos que podem ser vivenciados de modo crítico e criativo. No lazer, a estimulação da experiência do *caving* na perspectiva crítica e/ou crítico-criativa pode contribuir para que essas atividades não se constituam apenas em mais um produto da indústria cultural. Um produto a ser consumido como mercadoria, de forma alienante e predatória, por um público seletivo, particularizado, sobretudo, pelo poder econômico de que dispõe<sup>19</sup>.

Outro importante núcleo de conexão do lazer associado à caverna é Atividade. Conforme se observa na Figura 1, o gráfico de coocorrência, os resultados indicaram que a atividade está associada a vocábulos tais como grupo, prazeroso e estresse. A atividade de lazer em ambiente de caverna, conforme os resultados apresentados podem ser percebidos como uma “atividade prazerosa que contribui para aliviar o estresse do dia a dia” e um “revigoramento de energia”.

Para prática do *caving* é uma atividade prazerosa **em grupo**, é uma maneira encontrada para **fortalecer laços de amizade e companheirismo** com os que me acompanham e forma de conhecer novos lugares. Também uso essa prática para relaxar e descansar dos problemas cotidianos e do **estresse** (Sujeito 11) (grifo nosso).

Buscam maior interação com a natureza numa espécie de retorno às origens nômades ou para **aliviar o stress do dia a dia**; acredito que o significado está relacionado a essas questões (Sujeito 6) (grifo nosso).

Ao destacar a relação das atividades físicas de aventura na natureza, Bruhns<sup>28</sup> sugere duas possibilidades de intervenção humana: a gratuidade e o utilitarismo. A gratuidade é quando a atividade é praticada sem compromisso com o tempo cronológico, na intenção de captação da realidade enquanto conhecimento, emoção e motivação. O utilitarismo, quando destinado a um fim secundário à própria prática. Quando gratuita, a atividade evidencia maior integração do corpo com a natureza. Uma natureza que é percebida como espaço de experiências, “[...] de novas sensibilidades relacionadas ao corpo”. Sensações essas que também podem e, na verdade, devem ser vivenciadas no lazer e nos esportes de aventura, os quais “[...] buscam os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural”<sup>24</sup> (p.45).

A autora, em outro trabalho, afirma que quando gratuita, a atividade evidencia maior integração do corpo com



a natureza. Uma natureza que é percebida como espaço de experiências, “[...] de novas sensibilidades relacionadas ao corpo”<sup>24</sup> (p.31). Sensações essas que também podem e, na verdade, devem ser vivenciadas no lazer e nos esportes de aventura, os quais “[...] buscam os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural”<sup>24</sup> (p. 41).

Por fim, o núcleo Prático também apresenta uma importante conexão do lazer associado a vocábulos como caving, novo, aventura, esporte e cotidiano. As coocorrências nos textos que correspondem a essas ramificações denotam os significados atribuídos ao lazer, o que evidencia o *caving* como uma atividade física na natureza. O *caving* promove a aventura, o novo, por meio da contemplação no cotidiano dos praticantes, sendo considerado um esporte e/ou ciência vinculada à espeleologia.

Aspectos positivos relacionados ao núcleo prático, *caving*, novo, aventura, esporte e cotidiano podem ser identificados nos depoimentos dos sujeitos 08, 11 e 15, ao se referir ao lazer como atividade prática na vivência do *caving*.

A prática da **espeleologia** envolve **contemplação** da natureza, envolvimento **físico** a partir das **técnicas** de exploração semelhantes às escaladas. Uma mistura de **ciência, esporte e aventura**. De conhecimento, preparo e gosto pela emoção (sujeito 08) (grifo nosso).

Uma mistura harmônica de **ciência, esporte e aventura**, de conhecimento, preparo e gosto pela emoção (sujeito 11) (grifo nosso).

A prática de **caving** continua sendo a relação **aventura** de sensação do **novo**, do desconhecido, principalmente em cavernas novas, na exploração que é o grande atrativo [...] **caving** promove sensações diferentes em locais desconhecidos [...] é **esporte** e ciência (Sujeito 15) (grifo nosso).

Os relatos dos sujeitos 08, 11 e 15 fazem referência a prática do *caving* como uma atividade derivada da espeleologia que une a ciência, o esporte e a aventura.

Conforme os relatos, a espeleologia técnico-esportiva é a que mais se aproxima do *caving* devido às suas características. Ela pode ser entendida como meio para espeleologia científica, podendo cada uma delas ser dividida em várias áreas de conhecimento<sup>21</sup>.

O principal significado adquirido da espeleologia para o *caving* pode ser transcrito nas palavras de Lino<sup>21</sup>.

Do ponto de vista esportivo uma diferença básica distingue a espeleologia de outros esportes congêneres: nela não se privilegia a competição entre os indivíduos ou grupos, ao contrário, exige a solidariedade e o trabalho de equipe. Não se trata, igualmente, de vencer a natureza, mas suplantar-se a si mesmo, suplantando limites físicos, técnicos e de conhecimento<sup>26</sup> (p.45).

Do ponto de vista esportivo, a espeleologia não tem como objetivo a competição, o desafio ou muito menos vencer a natureza, mas sim o trabalho em equipe, visando o estudo, a observação, a documentação e a contemplação das cavernas<sup>21</sup>.

Ademais, a prática espeleológica do *caving* possui uma visão mais técnica, uma contribuição para o conhecimento. É a geração de conhecimento de topografar, medir, documentar, registrar, fotografar, analisar e compreender.

A prática espeleológica acaba gerando conhecimentos que podem ser assimilados por outras pessoas que ainda não tiveram acesso à caverna e, na verdade não têm a dimensão das possibilidades que uma caverna acaba suscitando. É a satisfação pessoal de estar em contato direto e permanente com a natureza à medida que se está desenvolvendo uma proposição ideológica de ajudar a preservar o meio ambiente. Vai de um conceito mais romântico até um mais tecnicista pragmático que é a contribuição para a preservação. Na medida em que gera informação, também gera conhecimento sobre o patrimônio espeleológico. O que naturalmente acaba contribuindo de alguma forma para a preservação do ambiente cavernícola.

## Conclusões

Os resultados encontrados mostraram que o significado atribuído ao lazer por meio de suas acepções pode ser entendido como uma atividade prática em ambiente de caverna, realizada no tempo livre de seus praticantes. Atividade que promove o prazer individual e coletivo, um contato com a natureza que proporciona sensações, emoções, bem-estar, aventura e a descoberta, por meio do *caving*.

Nesse sentido, refletir sobre o significado atribuído ao lazer por meio da prática do *caving* e o lazer em suas múltiplas acepções denota um conceito muitas vezes paradoxal, quando se fala de caverna. Então, o conceito de lazer

precisa receber um trato mais cuidadoso, porque para o aprendiz o termo lazer envolve uma explosão de ânimo, algo que se conjuga em significado à diversão que não esbarra em limites. Quando se fala em lazer em caverna, cuidado acaba sendo uma palavra de ordem. Em função disso, as atividades que são praticadas dentro de uma caverna são também atividades de lazer. Elas são atividades ecopedagógicas. Na verdade, isso é o que pauta o conceito de lazer dentro na caverna.

A relação do lazer com a educação é fundamental para entender o lazer cavernícola<sup>8</sup>. O lazer dentro da caverna é denominado de espeleoturismo. O que mostra possibilidades de perceber a caverna como um lugar de ciência, cultura, história, informação, ecopedagogia e de entretenimento.

Para isso, é importante criar uma interface entre os conceitos lazer e turismo, trazer para dentro da caverna e levantar algumas compreensões que muitas vezes não são bem assimiladas. A caverna, enquanto lugar de lazer, necessita de um plano de manejo bem elaborado com critérios previamente estabelecidos com vistas à minimização de impactos, minimização de acidentes e destaque para o importante papel da segurança da caverna. Um plano que dê condições para a visitação e educação para a espeleologia.

Como perspectiva para a realização de estudos futuros, o significado atribuído ao lazer durante a prática do *caving* pode constituir-se em um relevante campo acadêmico nos estudos que relacionem lazer, caverna, *caving* e atividade prática nas relações socioambientais em caverna.

## Referências

1. Munster MAV. Esportes na natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2004.
2. Bruhns HT. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: Serrano C. A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos; 2000. p. 25-46.
3. Ladislau CR. Lazer na natureza: um diálogo de espelhos. Revista Conexões. 1999; (3): 27-32.
4. Bruhns HT. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: Marinho A, Bruhns HT. Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole; 2003. p. 29-52.
5. Bahia MC, Sampaio TMV. Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza: um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente. Revista Licere. 2005; 8(1): 79-92.
6. Bruhns HT. Ecoturismo e ambientalismo: explorando relações. Revista Turismo em Análise. 2005; 16(2): 191-205.
7. Bruhns HT. Esporte e Natureza: a experiência sensível. Motriz. 2001; 7(1): 93-98.
8. Uvinha RR. Tendências para o turismo de aventura no cenário nacional. In: Uvinha RR. Turismo de aventura: reflexões e tendências. São Paulo: Aleph; 2005. p. 269-300.
9. Sampaio TMV. Educação Física, Lazer e Meio Ambiente: desafios da relação ser humano e ecossistema. In: De Marco A. Educação Física: Cultura e Sociedade. 4. ed. Campinas: Papirus; 2006. p. 87-108.
10. Silva PPC, Freitas CMSM. Emoções e riscos nas práticas na natureza: uma revisão sistemática. Revista Motriz. 2010; 16(1): 221-230.
11. Marcellino NC. Lazer e Cultura: algumas aproximações. In: Marcellino NC. Lazer e Cultura. Campinas, SP: Alínea; 2007. p. 09-29.
12. Dumazedier J. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva SESC; 1980.
13. Camargo LO. Lima. O que é lazer. 3. ed. São Paulo: Brasiliense; 1986.
14. Schwartz GM. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. Revista Licere. 2003; 6(2): 23-31.
15. Marcellino NC. Estudos do Lazer: uma introdução. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados; 2002.
16. Gomes OC, Isayama HF. Corridas de aventura e lazer: um percurso analítico para além das trilhas. Motriz. 2009; 15(1): 69-78.
17. Gomes CL. Lazer - concepções. In: Gomes CL. Dicionário Crítico do Lazer. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2004. p.119-125.
18. Marcellino NC. Lazer e sociedade: Algumas aproximações. In: Marcellino NC. Lazer e Sociedade: Múltiplas relações. Campinas, SP: Alínea; 2008. p.11-26.

19. Mendes MT, Prada FJ A, Silva JRVP, Sampaio TMV. O caving como atividade de aventura e lazer na natureza. *Revista Licere*. 2011; 14(4): 1-27.
20. Capra F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix; 1982.
21. Córdula E. B. L. A Natureza Sistêmica da Realidade: em busca de uma percepção sustentável para a humanidade. *Revista Eletrônica Educação Ambiental em Ação* [Internet]. 2011; (36): 1-9. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1049> [2016 mai 05].
22. Lino CF. Cavernas: o fascinante Brasil subterrâneo. São Paulo: Editora Rios; 1989.
23. Marinho A. Da Busca pela Natureza aos Ambientes Artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2001.
24. Thomas J, Nelson J, Silverman S. Métodos de pesquisa em atividade física. 6. ed. Porto Alegre: Artmed; 2012.
25. Camargo BV, Justo AM. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*. 2013; 21(2): 513-518.
26. Mendes MT. Ser humano/natureza: a contribuição do *caving* na promoção da qualidade de vida [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade Católica de Brasília; 2008.
27. Marcellino NC. Lazer e Educação. Campinas: Papirus; 1987.
28. Bruhns HT. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: Serrano CMT, Bruhns HT. *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papirus; 1997b.